

**PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.**

*Amazonía: el ríotienevoce, imaginario y modernización*, de Ana Pizarro, publicado pelo Fundo de Cultura Econômica (Chile), em 2009, recebeu recentemente, tradução ao português, dentro da Coleção Humanitas, pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Trata-se de um projeto que em 2002 foi agraciado com a bolsa Guggenheim, além de ter sido ganhador do *Premio de Ensayo Ezequiel Martínez Estrada*, outorgado por Casa de las Américas.

A Amazônia é, portanto, o mote deste novo trabalho da crítica chilena. Reúne uma infinidade de materiais e com eles muitas vozes que conformam o imaginário sobre a região. “A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela” (p. 31), afirma a autora. No estudo, portanto, estão presentes as crônicas e relatos de viajantes que configuram um discurso europeu sobre esta área cultural, entre o século XV e o XVIII. Passa-se também pelo discurso dos barões do caucho, baseado na tríade civilização, pátria e progresso, e localizado em grande parte no século XIX, mas também em parte do XX. Pertencente a este mesmo período, há uma produção intelectual (ensaio, relatório, romance), que é visitada para se trazer à tona a voz de denúncia das atrocidades cometidas na exploração da borracha. Mas, por outro lado, também se chega às vozes dos próprios trabalhadores da borracha desta época, (indígenas, aviados, nordestinos), através de testemunhos escritos, da memória, dos mitos e da literatura de cordel.

Na medida que avança linearmente no tempo, o estudo mapeia o aumento da pluralidade das vozes: é quando a autora parte para uma observação de vozes bastante atuais, entre as quais sobressaem as da imigração árabe, as da “narcoviolência” que se distanciam das vozes das etnias que usam drogas em rituais e as da ecologia. Neste sentido, *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização* procura dar vazão a várias perspectivas disciplinares: ou seja, como trata de cultura, abarca as vozes, a oralidade, além da palavra escrita; vê o discurso sempre como interessado, pondo em xeque sua feição inocente; leva em conta “sujeitos sociais” múltiplos e invade uma diversidade de terrenos de conhecimento. Desde seu já clássico trabalho *América Latina: palavra, literatura e cultura*, da década de 90, na qual organiza uma série de três volumes de estudos críticos, a autora indica a importância de uma ampla visão

cultural em detrimento das limitações de uma abordagem histórica literária tradicional.

Podem-se encontrar no livro, direta ou indiretamente, indicações de vários aspectos culturais da região a serem ainda pesquisados. Entre eles encontram-se as chamadas “literaturas alternativas” que ficaram de lado em detrimento da importância dada às culturas andinas e às denominadas “grandes civilizações”. A pouca investigação existente, mostra a autora, não dá conta dos relatos orais das diversas etnias amazônicas, das “oraliteraturas”, como são conhecidas. Ao mesmo tempo, os indígenas começam a escrever e publicar eles mesmos seus textos, mudança fundamental segundo Pizarro, já que não precisam mais de intermediários. Esta transformação pode ser considerada como mais um aspecto de imprescindível investigação na medida que implica novas configurações, como o surgimento da primeira editora indígena brasileira, pertencente à Federação das Organizações Indígenas de Rio Negro.

É importante destacar que a produção de Ana Pizarro surge dentro de uma tradição crítica latino-americana, da qual sobressaem importantes nomes como o do brasileiro Antonio Candido e o do uruguaio Ángel Rama. Diálogo este que se estabelece fortemente desde as discussões sobre a elaboração de *América latina: palavra, literatura e cultura*, na década de 1980, em Campinas (SP). Portanto, deste estudo se destaca um pensamento sobre a América Latina que a considera a partir de aspectos que congregam diversos países, em vez de valorizar aspectos que os diferenciam, além da preocupação com os efeitos do processo de modernização no continente. Inclusive, é uma tradição que sempre considerou a produção brasileira, às vezes não abarcada em estudos hispano-americanos, em função, sobretudo, da diferença da língua. Não há, neste sentido, como não ver desenhada neste projeto a noção de “comarca” desenvolvida pelo crítico uruguaio. Esta noção propõe uma divisão da América Latina em áreas culturais que tenham em seu interior elementos unificadores como a natureza; elementos étnicos, formas espontâneas e tradições da cultura popular e que, em muitos casos, como o da própria Amazônia, ultrapassam as fronteiras nacionais. No entanto, apesar de a Amazônia ser o elemento aglutinante das várias vozes (uma vez que a concebe como “construção discursiva”), e ter na natureza, no rio e na selva, também elementos unificadores, Ana Pizarro afirma que ela “está longe de ser uma unidade homogênea” (p.25) e é justamente através da noção de voz

que vai explorar sua diversidade.

A crítica sobre a publicação também tem reconhecido a importância do trabalho por se tratar de um estudo sobre o espaço amazônico que, com exceção da abordagem antropológica, normalmente não recebe muita atenção dentro dos estudos da cultura.

O cuidado da edição na apresentação de 62 belas ilustrações, muitas das quais coloridas, e a especificidade de trazer anexo, em CD-Rom, o documentário *O areal*, do diretor chileno Sebastián Sepúlveda, são outros aspectos que chamam a atenção para esta publicação. O documentário apresenta uma comunidade de descendentes de quilombolas, na Amazônia, e recolhe as narrativas orais destes moradores sobre o areal encantado que existe em suas terras. A relação que a comunidade estabelece com o areal revela a singularidade no modo pelo qual explicam e entendem o mundo. Mas, ao mesmo tempo, o audiovisual também explora a ameaça de desaparecimento desta cultura a partir do momento em que se constrói uma grande ponte que liga a região desta comunidade ao centro urbano, e o areal passa a ser explorado comercialmente. As ilustrações – que se apresentam também como material de pesquisa da publicação – e o documentário acabam por coroar as três grandes linhas de força do estudo: o imaginário, a oralidade e o impacto da modernização.

Debora Cota (UNILA)